

O GARRA e a Abordagem da Agroecologia no Assentamento Jânio Guedes da Silveira - São Jerônimo - RS

MICHEL, Thais. UFRGS, thaismichel@yahoo.com.br; CASANOVA, Henrique. UFRGS, henriquecasanova@hotmail.com; MITCHELL, Sara Stumpf. UFRGS, ssm.foto@gmail.com; AYRES, Gustavo. UFRGS, gustavo.ayres@gmail.com. LUZ, Moisés da. UFRGS, moisesdaluz@yahoo.com.br; RUPPENTHAL, Eduardo Luís. UFRGS, ruppenthalbio@yahoo.com.br; SANTOS, Paulo Fabiano dos. FAPA, hermano_hist@yahoo.com.br; CAMEJO, Viviane. ULBRA, vivianecamejo@yahoo.com.br; QUILLFELDT, Jorge Alberto. UFRGS, quillfe@ufrgs.br; DAL SOGLIO, Fábio. UFRGS, fabiods@ufrgs.br; BRACK, Paulo. UFRGS, pbrack@adufgrs.ufrgs.br

Resumo

O Grupo de Apoio a Reforma Agrária (GARRA) vem atuando desde 2005 no assentamento estadual Jânio Guedes da Silveira, no município de São Jerônimo (RS), buscando, em conjunto com os assentados, a revalorização da biodiversidade da região, trazendo discussões na aplicabilidade de técnicas alternativas de produção baseadas nos princípios da agroecologia. Uma dessas ações foi a construção de um viveiro de espécies arbóreas nativas, utilizado para recuperação de áreas degradadas, para incremento da biodiversidade local e em contraponto ao crescente cultivo de espécies arbóreas exóticas para indústria papeleira da região, além de possibilitar para os participantes um melhor entendimento da realidade social e ambiental de assentamentos de reforma agrária na região.

Palavras-chave: Viveiros, biodiversidade, plantas nativas.

Contexto

No ano de 2005 a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) realizou uma atividade de extensão (Projeto Convivências), na qual professores e estudantes participaram de uma vivência de uma semana, acompanhando os moradores do recente assentamento Jânio Guedes da Silveira. Como resultado desta experiência os estudantes formaram o Grupo de Apoio à Reforma Agrária (GARRA), que até o momento continua desenvolvendo ações no local.

O assentamento encontra-se a 60 km da capital Porto Alegre, na região considerada atualmente como um importante pólo de produção primária para a indústria de celulose, que foi incentivada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, principalmente nos últimos seis anos. Este tipo de monocultura normalmente utiliza espécies exóticas, como o eucalipto (*Eucalyptus sp.*), o pinus (*Pinus elliottii* Engelm.) e a acácia-negra (*Acacia mearnsii* De Wild.), e tem como único objetivo o abastecimento das indústrias papeleiras ou moveleiras, criando uma dependência do produtor pela empresa a qual ele fornece a matéria-prima, além dos sérios danos ambientais causados pelo plantio de vegetação arbórea em áreas historicamente já degradadas pela pecuária de corte extensiva ou pela produção de arroz irrigado.

Em 2005, ano em que as famílias foram assentadas, a silvicultura foi estimulada através de um programa da EMATER-RS, que abasteceu os assentados com mudas de árvores exóticas, sendo doadas cinco mil mudas de acácia-negra e de pinus, para cada uma das 59 famílias. Como resultado deste programa, houve rejeição por parte dos assentados no plantio das mudas de pinus, sendo utilizadas somente as acácias-negras, principalmente como quebra-ventos, ou no plantio para produção de lenha e para venda. Foram doadas também outras espécies de interesse agrônômico, incluindo algumas poucas espécies nativas.

Resumos do VI CBA e II CLAA



FIGURA 1. Localização do assentamento Jânio Guedes da Silveira, próximo às plantações de eucalipto da empresa Aracruz Celulose. São Jerônimo, RS. Foto do Google 2006, adaptada.

Motivado por tal realidade e trabalhando com a possibilidade dos assentados estarem produzindo mudas de seu interesse, seja para a recuperação ambiental e até mesmo auxiliando como fonte de renda, o GARRA e os assentados iniciaram em 2007 a construção de um viveiro de espécies arbóreas nativas da região, tendo esta ação como objetivo a produção de mudas e, principalmente o uso destas no incremento da biodiversidade local.

Descrição da Experiência

O assentamento estadual Jânio Guedes da Silveira fica localizado onde era uma propriedade que utilizava a parte mais alta do terreno para a pecuária bovina de corte e as áreas de várzea para a produção do arroz irrigado. Possui 935,8 hectares, sendo dividido, em média, em lotes de 15 hectares, para cada uma das 59 famílias que nele moram desde 2005, quando receberam o direito de uso da terra após esta estar sob a posse do Departamento de Desenvolvimento Agrário do RS. O assentamento está localizado na região geomorfológica da Depressão Central (31° 01' 34,61" S e 51° 44' 33,77" W), na bacia hidrográfica do Rio Jacuí, a 10 km da sede do município de São Jerônimo. A vegetação original da região é formada por um mosaico de campo nativo e florestas, fazendo parte do ecótono entre o bioma Pampa e o bioma Mata Atlântica. A paisagem desse mosaico de vegetação, no entanto, está bastante modificada em função de produções agrícolas, com destaque atualmente para a silvicultura.

Após a vivência realizada no assentamento em 2005 pelos participantes do GARRA, ficou clara a necessidade de auxílio e de formação de pessoas capacitadas para lidar com a realidade do meio rural, principalmente dos movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), devido às inúmeras dificuldades enfrentadas por seus integrantes. Uma das formas encontradas pelos estudantes, até mesmo pela possibilidade de praticar a teoria estudada, foi de incentivar e aplicar os conceitos da agroecologia, uma vez que assentados e estudantes viram a necessidade de reconstrução da biodiversidade no local do assentamento, historicamente constituído de lavouras de arroz irrigado e pastagens para pecuária bovina de corte.

Diante deste contexto e em contraponto aos estímulos dados pelo Governo Estadual, que não levou em consideração a situação de degradação ambiental do assentamento e a vontade de seus novos moradores, o GARRA estimulou e participou da construção de um viveiro, enfatizando

Resumos do VI CBA e II CLAA

principalmente espécies arbóreas nativas para a recuperação das áreas degradadas, como as Áreas de Preservação Permanente (APP's), formadas principalmente pela vegetação arbórea ciliar (atualmente inexistente) dos açudes e barragens. Esta também foi uma forma de demonstrar os malefícios dos monocultivos em grande escala, principalmente de espécies exóticas, tão difundidas na região.

Depois de escolhida a área para o local do viveiro, iniciou-se o processo de construção, através de mutirões formados pelos assentados e participantes do GARRA, que se deslocavam a São Jerônimo pelo menos uma vez a cada mês. Nesses encontros foram discutidos temas como sistemas agroflorestais, usos e importância de espécies nativas. Para facilitar este deslocamento e com intuito realmente de envolver a universidade nas demandas sociais, criou-se em 2007 um projeto extensão na Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Esse passo abriu a possibilidade do uso do transporte da universidade para se deslocar ao assentamento, além da aquisição de bolsas de extensão para alunos de graduação e oportunizou a participação crescente de estudantes. Esse projeto foi renovado a cada ano e em 2009 encontra-se em vigor com dois bolsistas, sendo complementado com um novo projeto de educação ambiental, também com um bolsista.

O viveiro completou um ano de existência em 2008 possuindo mais de mil mudas em diferentes estágios de crescimento (Fig. 2), não só de arbóreas nativas como também de algumas plantas de interesse econômico, ornamental e até mesmo cultural por parte dos assentados. Algumas famílias se responsabilizaram pela manutenção das mudas, sendo as maiores distribuídas entre alguns moradores, mas poucas foram realmente utilizadas nas áreas prioritárias de recuperação, como as Áreas de Preservação Permanente.



FIGURA 2. Viveiro de mudas florestais após um ano de sua construção, no assentamento Jânio Guedes da Silveira. São Jerônimo, RS, 2008.

Resultados

A atuação do GARRA em São Jerônimo não pode ser resumida na parte física do viveiro de mudas florestais, que foi construído principalmente ao longo do ano de 2007. As atividades em São Jerônimo iniciaram já em 2005 e desde então, cada momento de troca realizado, cada ida para o assentamento, bem como todas as reuniões realizadas entre o próprio grupo,

Resumos do VI CBA e II CLAA

possibilitaram alguma forma de sensibilização aumentando o nível de consciência para a importância da produção rural, das necessidades de se buscar novamente o equilíbrio dos sistemas já muito alterados pelas formas de produção atual, bem como das dificuldades retratadas por movimentos sociais como MST, na luta pela dignidade social, dentro de uma reforma agrária que não garante a manutenção necessária à sobrevivência dos pequenos agricultores.

Muitas foram as dificuldades encontradas pelos integrantes do GARRA desde sua formação, seja dentro do assentamento, como na organização do grupo, que se viu dependente do auxílio da universidade para a realização de inúmeras atividades previstas, como as simples idas mensais para o assentamento. Mesmo após o apoio recebido por professores que participam e auxiliam o grupo atualmente, até mesmo com a aprovação das ações de extensão pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, o GARRA ainda encontra dificuldades pela grande rotatividade dos estudantes envolvidos, que dificulta a idealização de um projeto a longo prazo.

Na avaliação das dificuldades encontradas para a idealização do viveiro, que ao final de 2008 acabou sendo desconstruído em parte pelos próprios assentados, após a falta de envolvimento da grande maioria das famílias, elas justificaram o fato por terem priorizado demandas mais imediatas, como a construção de suas casas e os galpões, visto que o GARRA iniciou o projeto coincidindo com a recente implantação do assentamento, que estava sem nenhuma infraestrutura (casas, galpões, energia elétrica, estradas). O GARRA também se responsabilizou pelas dificuldades em acompanhar com maior frequência as atividades do assentamento em 2008.

Demonstrando terem compreendido a importância de resgatar a biodiversidade dentro do assentamento, bem como regularizar as Áreas de Preservação Permanente, na primeira reunião do ano 2009 entre assentados e GARRA, os próprios assentados decidiram pela construção de sete (7) novos viveiros, sendo eles respectivos aos sete (7) núcleos familiares existentes no assentamento. Neste sentido, estão sendo realizados mutirões para a construção dos novos viveiros. Este ano ainda se soma às ações um projeto de educação ambiental, que visa a interação e a troca de conhecimentos a respeito de práticas agroecológicas de produção, fomentando a importância do respeito ambiental na produção agropecuária.

Foi possível verificar que ao longo deste processo ocorreram mudanças de pensamento e atitude por parte das famílias, sendo crescente o número de envolvidos nos projetos atuais do GARRA em São Jerônimo. Em contrapartida, os integrantes do GARRA estão tendo a oportunidade de aplicarem alguns dos conhecimentos adquiridos na universidade, principalmente aprimorando a sua formação pessoal, (re)descobrimo a importância da luta pela Reforma Agrária no Brasil, bem como o desenvolvimento de tecnologias e parcerias voltadas à agroecologia.